

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

(Subsidiado pela Junta de Educação Nacional)

Director — *Prof. Dr. Mendes Corrêa*

CONCEITO ECOLÓGICO DA ETNOGRAFIA

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Professor da Universidade do Porto



Porto

TIP. DA LIVRARIA SIMÕES LOPES
Rua Cândido dos Reis, 47 — Telef. 20761

1955



B)
9(04)
AN

SEPARATA DE «DOURO-LITORAL»
N.º IX DA SEXTA SÉRIE

Conceito Ecológico da Etnografia

Etimologicamente Etnografia (do grego *Ethnos*, povo + *graphein*, descrição, estudo descritivo) é a ciência que estuda o povo, isto é, os agregados populacionais. Mas sob que aspectos?

No sentido mais geral, podemos dizer que esse estudo tem como finalidade apreciar o povo nas exteriorizações do seu modo de ser e de viver, nas manifestações aparentes das suas capacidades criadoras, marcadas pelo conjunto daquilo que o povo produz, inventa ou modifica, quer no campo puramente material, num sentido imediato e meramente utilitário, quer no campo espiritual, como produto de actividade psíquica superior, num sentido mediato, puramente estético ou moral.

Sendo assim, como de facto é, à Etnografia pode chamar-se, e chama-se, *Antropologia Cultural* ou *Social*. A ela se contrapõe, como é bem sabido, a *Antropologia Física* ou *Somática*.

A Etnografia tem sido estudada e interpretada segundo a maior ou menor influência de vários conceitos basilares, a saber: sociológicos, pan-etnográficos, económicos e mesológicos.

Tem sido definida, segundo as várias escolas e os vários autores, ora num sentido restrito, focando aspectos particulares da vida do povo, ora num sentido lato, abrangendo todas as manifestações da actividade gregária dos povos, nas suas exteriorizações de ordem material e espiritual.

Segundo Montandon ⁽¹⁾, a Etnografia, a que ele chama Etnologia Cultural, teria como finalidade o estudo da civilização, isto é, o conjunto das produções humanas, e pode dividir-se em 3 capítulos: *ergologia* ou estudo das produções materiais; *animologia*, que estuda as produções espirituais; *sociologia*, a que compete o estudo da utilização em sociedade de umas e de outras das referidas produções.

Para Knortz ⁽²⁾, a Etnografia seria sinónimo de «*Volkskunde*» (conhecimento do povo, apreciação do povo) e os seus amplos domínios de estudos abrangeriam a Antropologia, a Arqueologia e a Etnologia, ocupando-se esta última do «homem como

(1) George Montandon, *L'Ologénese culturelle — Traité d'Ethnologie cyclo-culturelle et d'ergologie systematique*, Paris, 1934; 778 figs., 7 gráficos, 31 cartas e 31 Est.

(2) K. Knortz, *Was ist Volkskunde?*, Jena, 1906, pág. 3-4. Apud Leite de Vasconcelos, *Etnografia portuguesa — Tentame de Sistematização*, Vol. I, Lisboa, 1933, pág. 12.



criatura social, isto é, com suas leis, artes, concepções religiosas, línguas e memória históricas».

Leite de Vasconcelos, na sua obra monumental *Etnografia Portuguesa* ⁽¹⁾, a pág. 6-7 do vol. I, ao explicar o que na obra se entende por Etnografia Portuguesa, dá, implicitamente, a definição de Etnografia, embora um tanto difusa, dizendo ser: «o estudo do povo português, no que toca ao mais saliente da sua personalidade física e psíquica, às suas divisões, classes, tipos e alteração numérica ao longo das idades; aos seus costumes de feição antiga e no conjunto característicos — dando-se à palavra *costumes* sentido assaz lato, pois, além das ideias que habitualmente se lhe ligam, compreendem-se neles espécies económicas, estrutura social, etc. —; às suas tradições orais (isto é, que andam na voz do vulgo, de geração em geração), e objectivas (isto é, cousas tradicionais, por exemplo, uma fonte, uma aldeia, um cajado); ao seu *habitat*, sob o aspecto natural e histórico, tanto quanto basta para a nítida compreensão ou interpretação da vida tradicional. Também, a modo de *parergon*, se há-de tratar da origem do povo. — Melhor do que definições falará o plano e execução da obra».

Mas já na pág. 2 do mesmo vol. I da mesma obra, Leite de Vasconcelos escreveu:

«Pertence a uma ciência chamada *Etnografia* examinar o que é que dá índole e coesão a um povo e o distingue de outro; o que nele é congénito e primitivo, ou que, com o tempo, e por apropriação do que lhe chegou de outro povo, se tornou típico; os produtos directos (imediatos) e indirectos (mediatos) da sua psique; espontâneos, ou assim julgados. Produtos directos são, por exemplo, os especialmente intellectuais (poesia, mitologia, música, etc.); indirectos são os restantes, porque todas as manifestações da actividade vital do homem, excepto as fisiológicas, dependem da psique: por exemplo, o cultivo de um hortejo, a preparação de umas papas, a feitura de um capote».

Para o meu Mestre, o Prof. Mendes Corrêa, eminente antropologista, criador da Escola Antropológica do Porto, a Etnografia é a ciência que estuda os povos do ponto de vista dos seus costumes, da sua mentalidade, do seu modo de vida, da sua cultura, entendendo-se por cultura tudo o que o homem adiciona à natureza, todas as modificações que ele introduz nesta, para a pôr ao seu serviço.

Sendo assim, como de facto é, a Etnografia é um ramo da ciência de extraordinária importância, abrangendo os amplos domínios de todas as manifestações de ordem material e espiritual dos agregados humanos.

Muitas manifestações etnográficas são grandemente dependentes da Geografia Física, quer dizer, a Etnografia é ciência geográfica pelo meio em que evolui.

(1) Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa — Tentame de Sistematização*, Lisboa, 1933, 1936 e 1942; Vol. I, Imprensa Nacional de Lisboa, 1933, X + 390 págs., 57 figs.; Vol. II, id., 1936, VIII + 720 págs., 125 figs.; Vol. III, id., 1942, VIII + 796 págs., 184 figs..

As condições geográficas da região onde os homens habitam são, como disse o Prof. Leite de Vasconcelos, o palco em que se representa o drama da vida.

A Etnografia comparticipa também, e muito, da História, pela sucessão evolutiva do homem e dos seus agregados, e respectiva continuidade genética que a tradição regista.

Mas a Etnografia, quanto a nós, deve ser considerada, essencialmente, um ramo das Ciências Naturais, e servida pelos seus métodos de estudo.

A Etnografia, como é bem sabido, mostra-nos os diferentes quadros da vida dos povos no espaço e no tempo. Mostra-nos como os povos satisfazem as suas imperiosas necessidades vitais.

Todo o ser vivo luta pela vida para se manter em justo equilíbrio biológico.

Mas à ânsia de viver, de crescer no espaço, junta-se a força imperiosa, e não menos aguilhoante, de viver no tempo. É a ânsia de perpetuação, expressa biologicamente na propagação da espécie.

A vida, quer animal quer vegetal, apresenta-se-nos como fenómeno essencialmente colectivo; é uma resultante de actividades gregárias.

O homem, como ser vivo que é, não escapa às leis biológicas gerais que regem a vida das unidades e que regulam o viver das multidões.

O homem é um produto complexo da evolução social. Sob certos aspectos é, no dizer dos antropologistas de língua inglesa, um produto de *self-domestication*. Se é certo que ele cria sociedades, não é menos certo que elas, pouco a pouco, o vão influenciando, modelando.

O homem, como ser vivo, tem de lutar para suprir as suas necessidades alimentares, comendo e bebendo, preparando convenientemente o que come e bebe; os produtos alimentares, ou são os silvestres, que a terra espontânea e generosamente lhe oferece, e ele não tem mais do que colher, ou são produtos de cultura agrícola, e, neste caso, condicionados em qualidade e quantidade ao clima, natureza geológica do solo, maior ou menor quantidade de água do mesmo, técnicas agrológicas, etc.; o homem tem de se defender contra as agruras dos elementos meteorológicos, climáticos e outros, por isso se veste e aproveita ou constrói abrigos (o estudo da habitação é tão importante que Spengler atribui à forma da casa um valor taxonómico análogo ao da concha para os Moluscos); o homem tem de se defender dos seus inimigos, múltiplos animais e plantas transmissores de doenças, das feras e — por estranha singularidade e contra-senso — dos outros homens, por vezes bem mais ferozes do que as próprias feras dos matos adustos; tem de garantir a propagação da espécie, conjugando-se, multiplicando-se.

Reflectindo um instante, verifica-se que todos estes fenómenos vitais, que são estudados pela Etnografia, dependem, ou são reflexo, em maior ou menor grau, da vida colectiva e das condições do meio ambiente.

Quer dizer: a Etnografia é uma ciência ecológica.

Há já algumas dezenas de anos que na França, na Inglaterra, na Alemanha e

nos Estados Unidos da América do Norte foram publicados trabalhos de Ecologia Humana. Esses trabalhos eram de tal feição que, com propriedade, podem ser considerados como embrionários. Foi, porém, a partir de 1915 que a noção de Ecologia Humana começou a ser desenvolvida de maneira sistemática.

Segundo Donald Pierson ⁽¹⁾, o campo de estudos desta ciência começou a desenvolver-se em moldes científicos desde 1915 com a publicação do trabalho de Robert E. Park, *The city: Suggestions for the investigation of human behaviour in the city environment*. Trabalhos de investigação levados a efeito na Universidade de Chicago por este sociólogo e pelos seus colaboradores, nomeadamente Ernest W. Burgess, deram à Ecologia Humana um desenvolvimento científico progressivo.

Mas é sobretudo nos últimos 15 ou 20 anos que este importante ramo das ciências humanas entra em notável florescimento, dispondo já de bibliografia numerosa ⁽²⁾.

O que é certo, porém, é que há uma certa confusão quanto à atribuição do justo significado e preciso âmbito da Ecologia Humana.

Marston Bates, no seu artigo *Human Ecology* em «Anthropology Today» ⁽³⁾, escreveu: «Clearly, the term «human ecology» has not yet come to be generally applied to a specific and well-defined field of inquiry, and it seems likely that attempts like those of the sociologists so to limit it will fail because their usage is at variance with the usual interpretation of the word in biology».

Quanto a nós, afigura-se-nos que alguns autores que a cada passo aludem a aspectos ecológicos do viver dos homens não tem a noção precisa de Ecologia.

Para evitar o uso impróprio do conceito ecológico e o abuso do mesmo, empregado muitas vezes com manifesta imprecisão, importa formular os princípios teóricos da definição de Ecologia e o âmbito dos seus estudos como ramo da Biologia, e depois estendê-los ao homem.

(1) Donald Pierson, *Estudos de Ecologia Humana — Tomo I — Leituras de Sociologia e Antropologia Social*, S. Paulo, 1948, 595 págs.

(2) Além dos trabalhos referidos no texto, citaremos mais alguns, a saber: H. H. Burrows, *Geography as Human Ecology*, «Annals of the Association of American Geographers», Vol. XIII, 1923, pg. 1-14; R. D. McKenzie, *The ecological approach to the study of human community*, Robert Park et al. «The city», Chicago, 1925, pg. 63-67; id, *The scope of human ecology*, Publications of the American Sociological Society, Vol. XX, 1926, pg. 141-154; J. W. Bews, *Human Ecology*, London, 1935; Robert E. Park, *Human Ecology*. «The American Journal of Sociology», Vol. XLII, Chicago, 1936-37, pg. 1-15; Hollingshead, *Human Ecology and the Social Sciences*, cap. IX do livro «An outline of the Principles of Sociology», editado por Robert E. Park, New York, 1939, pg. 65-74; C. W. Thornthwaite, *The relation of Geography to Human Ecology*, «Ecological Monographs», Vol. X, 1940, pg. 343-48; G. K. Zipf, *Human behavior and the principle of least effort: An introduction to Human Ecology*, Cambridge, 1949; A. H. Hawley, *Human Ecology: A Theory of Community structure*, New York, 1950; J. A. Quinn, *Human Ecology*, New York, 1950.

Estas indicações bibliográficas foram colhidas, quase todas, no livro da nota que se segue.

(3) Marston Dates, *Human Ecology*, in «Anthropology today», an encyclopedic inventory prepared under the chairmanship of A. L. Kroeber, Chicago-Illinois, 1953, pg. 700-713.

Como é bem sabido, a palavra Ecologia (do grego *oikos*, casa, morada, e *logos*, tratado) foi criada por Haeckel em 1870.

Várias têm sido as definições dadas para este importante ramo das Ciências Naturais.

Não as vou passar em revista nem fazer a sua análise crítica. Limito-me a referir que há mais de 10 anos tenho regido o Curso de Ecologia Animal na Universidade do Porto e que dela tenho dado a seguinte definição:

Ecologia Animal é o estudo do modo de viver dos animais em relação com as condições e influências do meio físico e biológico, e das inter-relações dos seres vivos, isto é, das relações de cada ser vivo com os outros que o rodeiam e com ele convivem.

As condições de vida do homem estão estreitamente ligadas ao meio ambiente nos seus aspectos físico (clima, natureza geológica da terra, etc.) e biológico (plantas e animais, e neste inclusivé os outros homens) isto é, as condições de vida do homem são enormemente condicionadas pelos factores ambientais ou ecológicos.

A Etnografia, tendo como finalidade o estudo do modo como os homens vivem e como satisfazem as suas necessidades vitais, é, consequentemente, uma ciência ecológica.

Mas o homem é um ser vivo que pensa. Já Aristóteles chamara a atenção para a circunstância de o homem ter tudo o que é próprio das plantas e dos animais, e, além disso, ter alguma coisa mais. O homem tem raciocínios lógicos; os seus movimentos e as suas acções estão em relação com pensamentos.

Por isso o velho pensador grego atribuía ao homem três almas. A alma vegetativa ou vegetal, a alma sensitiva ou animal e a alma racional ou humana.

Esta última faceta, exclusiva da humanidade, leva o homem ao estudo do problema das origens e do post-mortem.

Daí um conjunto complexo de atitudes, de conceitos e de práticas rituais que a humanidade, nos mais variados graus de cultura, observa e realiza em atitudes de consoladora religiosidade, tantíssimas vezes aureoladas de extraordinária beleza moral.

O certo é que todos os aspectos das condições geofísicas e biológicas ambientais, fisiológicas e sociais do homem, são estudados pela Etnografia.

Sendo assim, tem de prevalecer o conceito ecológico, mesológico e biossocial, da Etnografia, e esta tem de ser considerada como um ramo das Ciências Naturais, embora, ao mesmo tempo, participe das Ciências Geográficas e Históricas.

Concebo a Etnografia como o estudo das condições de vida dos povos, da origem das mesmas e sua evolução cultural; condições de vida consideradas em relação com as influências do meio (factores biogeográficos), com o encadeamento da sucessão evolutiva expresso na tradição (factores históricos), e com as acções recíprocas, por influências directas ou indirectas, dos homens uns sobre os outros (factores antro-sociais), quer dentro do mesmo agregado populacional (factores por via de regra condicionando uma evolução lenta e que poderíamos chamar de sublimação ou de apuro), quer entre povos diferentes, tendo laços mais ou menos estreitos de convívio

permanente ou acidental (factores determinando quase sempre mutações, ou sejam modificações inesperadas, amplas e bruscas).

O somatório destes três factores, geográficos, históricos e antropossociais, constitui um quadro de elementos ecológicos a que ninguém, certamente, negará importância modeladora fundamental na estrutura das condições de vida do homem, factores que são, indubitavelmente, condicionantes dos usos e costumes, da mentalidade, do modo de vida e das manifestações culturais dos diferentes povos.

Admitindo o conceito ecológico para a Etnografia, os seus métodos de estudo têm de ser, e são, essencialmente os métodos objectivos das Ciências Naturais.

Ao etnógrafo são necessárias especiais qualidades de naturalista para observar com precisão, valorizar o essencial, coordenar, comparar, concluir.

O estudo etnográfico total, completo, de um agregado populacional sê-lo-á quando abranja e coordene o estudo dos factores essencialmente humanos ou antropobiológicos e biossociais, e os factores de ordem geográfica e histórica.

Só depois do estudo coordenado destes três factores é que poderemos apreender suficientemente, e com a necessária clareza, os elementos basilares, digamos etiológicos, ou pelo menos fortemente condicionantes, de determinada cultura.

Daí a dificuldade que apresentam os trabalhos de Etnografia. Até agora, de um modo geral, os trabalhos de Etnografia são, por assim dizer, episódios etnográficos. Alguns, cheios de merecimento mas parcelares, focando aspectos singulares, puramente descritivos.

Modernamente há tendência marcada para os estudos monográficos. A Etnografia de determinada região conhecer-se-á melhor através de monografias etnográficas de duas ou três povoações ou agregados populacionais dessa região, do que por uma série, embora larga e brilhante, de nótulas sobre aspectos parcelares, porventura estudados em toda a região. É necessário, porém, que as monografias etnográficas abordem os aspectos históricos, biogeográficos, antropobiológicos e biossociais dessas povoações ou agregados populacionais, numa justa coordenação de valores, de acções e de efeitos, aquelas e estes variáveis consoante as condições de equilíbrio ecológico do agregado social, onde não só a qualidade mas também o número dos indivíduos têm importância fundamental.

CENTRO
BIBLIOTECA

biblioteca
municipal
barcelos



9627

Conceito ecológico da
etnografia